

MARQUES GOMES

D. JOANA DE  
PORTUGAL  
A PRINCESA  
SANTA

Esboço biográfico



*Título*

D. Joana de Portugal, a Princesa Santa

*Autor*

Marques Gomes

Editado pela 1ª vez em 1879, em Aveiro, na Imprensa Comercial

*Revisão*

Isabel Nunes

*Capa, Grafismo e Arte Final*

Apeiron-GraphicPrint

Março 2018

ISBN 978-989-8447-77-7

*Projecto Apeiron - Apeiron edições*

[www.apeiron-edicoes.com](http://www.apeiron-edicoes.com)

[apeiron.edicoes@gmail.com](mailto:apeiron.edicoes@gmail.com)

## Índice

### **Preâmbulo**

Santa Joana Princesa 4

### **D. Joana de Portugal**

(A Princesa Santa) 5

### **Documentos em fac-símile**

47

## Preâmbulo

### Santa Joana Princesa

A princesa D. Joana, filha do rei Afonso V, revelou desde muito tenra idade uma grande vocação religiosa. Apesar de viver na corte afastava-se de festas e convívios, preferindo rezar e meditar. Dizia-se que D. Joana era muito devota.

Alegando a sua intenção de se tornar freira, recusava todos os pretendentes. Com a autorização real, frequentara vários conventos. O seu preferido era o de Jesus em Aveiro, onde queria professar. Mas a ideia não agradava nem ao rei nem ao povo. Perante tanta discórdia D. Joana decidiu não professar, mas declarou que usaria o véu de noviça para sempre.

Insistiu em ingressar no Convento de Jesus, vivendo na humildade e na pobreza e aplicando as rendas que possuía no socorro aos pobres. A sua caridade era tão grande que depressa ficou conhecida como santa. Um dia, a princesa adoeceu de peste e morreu em grande sofrimento. Quando o seu enterro passou pelos jardins do convento, as flores que ela havia tratado em vida caíam sobre o seu caixão, prestando-lhe uma última homenagem. Este acontecimento foi considerado o primeiro milagre de Santa Joana Princesa. A partir de então, muitos outros lhe foram atribuídos e, duzentos anos depois, o Papa Inocêncio XII concedeu a beatificação a esta infanta de Portugal.

## D. JOANA DE PORTUGAL (A PRINCESA SANTA)

A seis de Fevereiro de 1452 nasceu em Lisboa, no paço d'Alcáçova<sup>1</sup> D. Joana de Portugal. A nova do nascimento foi alegre e entusiasticamente celebrada, a ponto da recordação do tristíssimo drama de Alfarrobeira ser quase que totalmente deslembrada. Os laços conjugais entre Afonso V e D. Isabel de Lencastre estreitaram-se de tal forma, que murcharam de todo as esperanças alimentadas pelos inimigos do Infante D. Pedro, de verem realizado o divórcio por eles tão aconselhado<sup>2</sup> e sempre tão nobremente repellido pelo futuro vencedor d'Arzila.

Afirmam os seus biógrafos que D. Joana foi no berço jurada princesa herdeira pelos *Três Estados do Reino*. A falta de sucessores à Coroa, obrigou el-rei seu pai, diz Caetano de Sousa, a que no berço fosse jurada em cortes Princesa herdeira do reino, título com que sempre foi conhecida, ainda depois de nascido o Príncipe D. João<sup>3</sup>. E foi logo jurada como Princesa por todos os Estados do Reino, que acertaram achar-se juntos na conjuntura do seu nascimento, refere fr. Luiz de Souza<sup>4</sup>. As crónicas do tempo não sancionam esta afirmativa. Ruy de Pina e Damião de Góis nem sequer noticiam tal juramento; aquele diz apenas que ela sempre se chamou Princesa até 1455, ano em que nasceu o Príncipe D. João. Em 1455, depois do

---

<sup>1</sup> Foi esta a residência habitual dos nossos monarcas, em Lisboa, desde D. Dinis até D. Manuel, *Archivo Pittoresco*, vol. 4.º, pág. 167.

<sup>2</sup> *Chronica de D. Afonso V*, por Ruy de Pina, capítulo 114.

<sup>3</sup> *História Genealógica da Casa Real*, tom. 3.º, páginas 80.

<sup>4</sup> *História de S. Domingos*, part. 2.ª, liv. 5.º cap. 1.º.

nascimento do Príncipe, ela teve o título de Infanta, por não lhe pertencer já o que primeiro usara.<sup>5</sup>

Talvez que fosse jurada Princesa pelos fidalgos e mais pessoas que compunham a Corte, não obstante disso não restar memória escrita; não o foi decerto pelos *Três Estados* porque estes nem estavam reunidos, nem se reuniram nesse ano, nem nos dois anos que se lhe seguiram<sup>6</sup>. Nem mesmo pela delegação deles, ela foi jurada também, porque esta deputação permanente, como lhe chama o sr. Oliveira Marreca, não existia já.<sup>7</sup>

\* \* \*

Amamentada por D. Mécia de Sequeira, D. Joana ficou orfã de mãe aos cinco anos de idade. A rainha D. Isabel, que, com o nascimento do Príncipe D. João, havia por fim alcançado sepultura para seu pai sob as abóbadas da Batalha, caiu fulminada em Évora pelo veneno ministrado pelos partidários do duque de Bragança, em 2 de dezembro de 1455.<sup>8</sup>

Poucos dias depois do falecimento de D. Isabel, D. Afonso V ordenou que todos os oficiais, damas e donzéis que estavam ao serviço da finada rainha, passassem para o de D. Joana, a quem deu casa, como aquela a trazia<sup>9</sup>. Pelo que se depreende da narração de

---

<sup>5</sup> *Chronica de D. Afonso V*, cap. 134. Idem do Príncipe D. João, cap. 3º.

<sup>6</sup> *Memórias de Litteratura Portugueza*, nas d'Academia R. das Sciencias, t. 3º.

<sup>7</sup> *Panorama*, vol. 3º da 2ª série. Memória para a história e theoria das côrtes geraes etc. pelo V. de Santarém, part. 1ª, pág. 5.

<sup>8</sup> *Chronica de D. Afonso V*, por Ruy de Pina, capítulo 137.

<sup>9</sup> *Chronica do Príncipe D. João*, cap. 33.

D. Bernarda Pinheiro<sup>10</sup>, D. Joana, depois do falecimento da rainha, sua mãe, assistiu num palácio, separado do de seu pai e irmão, talvez o de S. Bartolomeu, que anteriormente havia sido ocupado por suas tias as infantas D. Leonor, D. Catarina, e D. Joana.<sup>11</sup>

Entre as damas mais íntimas da rainha D. Isabel<sup>12</sup> conta-se D. Beatriz de Menezes, senhora de nobre linhagem e elevados dotes de coração e de espírito; foi a ela que D. Afonso confiou a educação moral da filha. Para seu mordomo-mor nomeou-lhe Fernão Telles de Menezes, e para governador de sua casa D. João de Lima, segundo visconde de Vila Nova da Cerveira<sup>13</sup>. O lugar de camareira-mor foi dado a D. Isabel de Menezes, a *Formosa*, que também havia sido dama da rainha D. Isabel.<sup>14</sup>

Se outras provas não tivéssemos para avaliarmos os talentos de D. Joana, o espírito esclarecido de seu pai era bastante para nos fazer acreditar que ela recebeu uma educação esmeradíssima, pouco vulgar naqueles tempos. Não só cultivava com esmero a língua materna, mas a latina também, que então, além de ser propriamente dita a língua da ciência, era-o igualmente dos altos dignatários da Igreja e da Corte.

---

<sup>10</sup> Breve memorial da mui excellente Princesa a mui virtuosa senhora Infanta D. Joana, nossa senhora, filha do mui catholico e christianissimo rei D. Afonso V e da rainha D. Isabel, sua mulher. “Manuscripto do convento de Jesus” contemporâneo de D. Joana e existente no arquivo do extinto mosteiro de Jesus sob o n.º 872.

<sup>11</sup> *Estudos históricos e arqueológicos*, pelo sr. I. de Vilhena Barbosa, t. 2º, pág. 79.

<sup>12</sup> Dela faz menção no seu testamento. *Hist. Geneológica*, t. 3º das Provas, pág. 59.

<sup>13</sup> *Hist. Geneal.*, t. 3º, pág. 80.

<sup>14</sup> *Poetas Palacianos*, pelo sr. Teófilo Braga, página 211.